

Entre pudores e desbundes:

Teresina e os impactos da pós-modernidade na década de 1970

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito¹
Edwar de Alencar Castelo Branco²

Resumo: Este artigo constitui uma leitura histórica dos primeiros anos da década de 1970, vistos, principalmente, a partir de periódicos de circulação regional no Piauí, delimitando como objetivo central lançar um olhar a respeito das transformações subjetivas ocorridas na cidade de Teresina. Tendo em vista o impulso modernizador sofrido pela cidade durante o Governo Militar, pretendemos aqui extravasar a perspectiva de análise comumente adotada pelos historiadores que estudam o período, e discutir de maneira pormenorizada questões relativas às mudanças no comportamento de uma parcela da juventude da cidade – expressa nos novos usos do corpo e da sexualidade, e a consequente ressignificação das identidades de gênero, bem como em novas maneiras de consumir bens artístico-culturais – filmes de cinema, produções musicais, etc. Nesse sentido, emergem uma série de discursos díspares que confrontam os valores arraigados de uma cidade que, embora capital do Estado, guarda uma forte marca de provincianismo, com as enunciações de uma geração disposta a confrontar as normas sociais estabelecidas – dentre as quais ganha destaque a presença de *hippies* em Teresina. Dessa maneira, o texto procura apontar tais elementos como constituintes das condições históricas para a emergência da *pós-modernidade* piauiense, ocorrida tardiamente nos anos 1970.

Palavras-Chave: Teresina, Pós-Modernidade, Arte e cultura, Identidades de gênero, Juventude

Abstract: This article is a historical reading of the early years of the 1970s, seen mainly from periodic regional circulation in Piauí, delimiting central objective cast a glance about the subjective transformations that occurred in the city of Teresina. Given the momentum modernizing the city suffered during the military government, we intend here to vent analysis perspective commonly adopted by historians studying the period and discuss in detail issues relating to changes in the behavior of a portion of the youth of the city - expressed new uses in the body and sexuality, and the consequent redefinition of gender identities, as well as new ways to consume goods artistic and cultural - feature films, musical productions, etc.. In this sense, emerge a series of disparate discourses that confront the entrenched values of a city that, although the state capital, a strong umbrella brand of parochialism, with the utterances of a generation willing to confront the prevailing social norms - among which stands out the presence of hippies in Teresina. Thus, the text seeks to point out such elements as constituents of the historical conditions for the emergence of *postmodernity* in Piauí, which occurred late in 1970.

Keywords: Teresina, Postmodernity, Art and culture, Gender identities, Youth.

Between modesty and desbundes:

Teresina and the impacts of postmodernism in the 1970s

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. (CNPq/Lattes). E-mail: fabioleobrito@hotmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. E-mail: edwar2005@uol.com.br

idades como séculos – um século atrás do outro. na frente do outro. o tempo se ultrapassa no espaço do tempo. agora é nunca mais, e nunca antes. agora é jamais – um século atrás do outro. isso tudo é um esquema muito chato enquanto a coisa anda: isso é que é legal, do mesmo jeito que é legal saber que isso tudo pulsa, de alguma maneira, no ponto misterioso do desenho. princípio, fim. total e único. geral. cidades. ninguém pode mais do que deus!

Torquato Neto

Em sua primeira edição do ano de 1970, a revista *Veja* trazia opiniões de especialistas de diversas áreas sobre as perspectivas para a nova década. Tratava-se de projeções, leituras do momento vivido, expressas em discursos que, segundo os expositores, seriam levados a cargo em diversos campos de atuação. O astrólogo Joe Ramath previa que, até 1980, o Brasil “daria as cartas no mundo”. João Paulo dos Reis Velloso, à época ministro do Planejamento, apostava em um crescimento no PIB nacional de 7%, no mesmo tom em que anunciava uma política governamental de impacto na educação e na agricultura, uma inflação menor e um novo salto nas importações. Não menos otimista era a opinião de Alfredo Buzaid, então Ministro da Justiça: o Brasil dos anos 70 seria um país democrático, tendo a política uma importância fundamental na nova década, pois além das eleições para renovação do congresso e das assembleias legislativas, em treze Estados da Federação aconteceria a escolha de 1522 prefeitos e 1904 vereadores. Seria, além disso, o momento em que os deputados estaduais se reuniriam para escolher os governadores de 22 Estados (VEJA, 07 jan. 1970).

Tais conjecturas, no âmbito político-econômico, apareciam como lastro para outras, estimulando opiniões e perspectivas em campos como a religião, a ciência, o comportamento, a sexualidade e as artes em geral. Na mesma toada em que a publicação anunciava um “extraordinário renascimento religioso”, porém contando que, “no fim da década os católicos poderão receber suas bênçãos de um papa não-italiano, vestido de terno e gravata” (Ibid., p. 05), apontava perspectivas menos arrojadas em descobertas e avanços médicos. José M. R. Delgado e Norman Shumway, a respeito do transplante de cérebro, denotavam que determinados assuntos, antes restritos, por conta dos valores arraigados pela família e pela Igreja, mesmo ganhando nova projeção, permaneciam envoltos em cuidados, tanto de ordem ética quanto científica. A opinião do primeiro, segundo o qual transplantar cérebros, além de ousado e perigoso, “poderá ser até mesmo criminoso”, encontrava eco na do segundo, quando defendia a necessidade de “pensar no lado humano, na personalidade” do paciente (Ibid.).

Leituras efetuadas sobre esta década nascente mostram significativas transformações em relação aos anos anteriores. No campo do pensamento, Décio de Almeida Prado previa

que as transformações em curso decretariam a “morte” de diversos ícones da intelectualidade, venerados até então: “Sartre, Arthur Miller, Tennessee Williams se transformarão em ídolos mortos e enterrados. Brecht, o teatro político, o teatro concebido como literatura cairão no declínio. O teatro entendido como espetáculo se valorizará”. Também defendendo os valores da modernização no domínio das artes, Alex Vianny afirmava a incontestável influência que o cinema brasileiro teria, na década de 1970, em regiões como a América Latina e a África. “E Glauber Rocha continuará abrindo os caminhos” (Ibid.).

Otimistas ou não, as previsões de futuro ajudam a pensar a década de 1970 sob o olhar e os discursos daqueles que a viveram na efervescência de seus dias. Os impactos trazidos pelas novas tecnologias, bem como o consequente maravilhamento que estas causaram na sociedade da década anterior levariam, aos olhos de Castelo Branco, “à condição histórica da *emergência da pós-modernidade brasileira*” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 94-95, grifo do autor). Uma vez que tais transformações não se concretizam, de maneira uniforme, em todos os lugares, ganha expressão, nas crônicas jornalísticas, o discurso desejanse de modificações em diversos contextos. Pode ser destacada, aí, a fala de Paulo Fernando Craveiro, configurando tal enunciação de mudanças:

RIO DE JANEIRO – Não sei se o Ano Nôvo já chegou aí pelo Recife. Aqui no Rio de Janeiro êle se instalou há poucos dias. E foi um foguetório danado. Uma mocinha que olhava para o tempo, surpreendeu-se com a chegada consumada de 1970 e deu um abraço no namorado. E seus olhos pediam.

[...]

Para os incrédulos, posso afirmar porque testemunhei: estamos em pleno 1970. Ninguém me contou. Eu vi. Posso mesmo dizer sem medo de errar que meu relógio marcava zero hora, no dia 31, quando de repente 1969 passou inelutavelmente para trás. Como os maridos enganados, foi 1969 o último a saber. Quando pensava que ainda se encontrava em vigor – com o espírito permanente, de decretos que pensam jamais serem revogados – viu-se afastado pela juventude do ano novo (JORNAL DO PIAUÍ, 13 jan. 1970).

Representando um conjunto amplo de expectativas, os primeiros dias da nova década demarcavam, assim como qualquer outro marco cronológico-temporal, o fim ritual de uma época, que daria lugar à outra. Uma vez que é possível tomar a História como “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1994, p. 229), cabe refletir sobre os anos 1970 como portadores de uma série de estandartes. Sejam eles os dos dias seguintes aos que enxergaram o alvorecer de uma

“revolução” no campo político brasileiro,³ ou às trágicas consequências da resistência e luta contra tal regime (O DIA, 1968), seja aos acontecimentos que se dão em escala micrológica, como desfiles de moda primavera-verão, na Europa, em 1967 (MANCHETE, 18 mar. 1967), é importante reconhecer que a nova década traziam consigo uma carga extra de esperanças pelo porvir.

Em nível regional, também, a década de 1970 era objeto de desejos e expectativas. Jornais da época noticiavam os “grandes feitos” governamentais previstos como elementos que seriam responsáveis pela modernização e o progresso do Nordeste: “No calendário das grandes realizações brasileiras, o ano de 1970 marcará a recuperação econômica do Nordeste Ocidental com a conclusão das obras da hidrelétrica de Boa Esperança, e a conseqüente inauguração da primeira unidade geradora da ‘Usina Marechal Castelo Branco’” (JORNAL DO PIAUÍ, 21 mar. 1970a). Dessa maneira, a problemática de modificações no contexto socioeconômico do Nordeste alia-se ao desejo de aproximação da realidade observada nessa parcela do Brasil com aquela vista nas regiões Sul e Sudeste do país, onde a economia alcançara níveis de satisfação, possibilitando melhores perspectivas para a população que nela habitavam. É o momento, também, em que o desejo de ampliação dos horizontes culturais leva a população de diversas partes do Brasil a buscar suas próprias identidades, mesmo sendo estas inspiradas em outras, de regiões mais abastadas, ou países que se tornaram, historicamente, referências para o mundo.

Tal mundo que se transforma, e um Brasil que busca seguir a esteira de tais mudanças, acarretam rupturas, em escala micrológica, e com velocidades diferentes, em regiões periféricas do país. A valorização da cultura de massa, expressa em meios de comunicação como jornais, revistas e, posteriormente, o rádio e a televisão, coincide com as metamorfoses de valores sociais, padrões éticos, práticas comportamentais e cotidianas, expressas no âmbito familiar, nas sociabilidades juvenis e nos contextos educacional e político. O vislumbre de um mundo no qual se busca inspiração fazia da televisão um veículo de comunicação essencial nos lares brasileiros. Anunciando que “o Piauí inteiro vai ver televisão”, uma matéria do *Jornal do Piauí* noticiava, em março de 1970, que a Telepisa acabava de elaborar projetos para a repetição da televisão nos então 114 municípios do Estado (JORNAL DO PIAUÍ, 21 mar. 1970b), o que ampliaria, sem precedentes, o campo de influência desse meio de comunicação no Estado. Sem pensar em considerar tais mudanças como rupturas que seguem

³ A tomada dos acontecimentos políticos no Brasil de 1964 como “revolução” tem lugar na imprensa da época, sendo possível destacar expressões como aquelas presentes em um número especial da revista *O Cruzeiro*. Ver: O CRUZEIRO – EXTRA. Edição histórica da revolução. São Paulo, 10 abr. 1964.

o imediatismo de outras transformações, cabe ao historiador, ao contrário, estabelecer a leitura do contexto em sua relatividade, possibilitando sua compreensão não como um acontecimento *em si*, mas sim na forma de práticas culturais, vistas em sua historicidade, exigindo “o rompimento com o conceito de sujeito universal e abstracto” (CHARTIER, 2002, p. 24-25).

As mudanças ocorridas no Piauí e, especialmente, em Teresina, guardavam relação com acontecimentos que se processam nos campos da política e da economia. Se, a nível nacional, os governos militares pregavam um *milagre econômico*, prevendo um crescimento do Brasil, sob o signo da ordem e do progresso, expressos em sua filosofia política, a nível estadual, tal expressão se corporificava nas políticas de cunho desenvolvimentista do então governador, Alberto Tavares Silva. Até aquele momento, “a hegemonia política do Estado era exercida por Petrônio Portella e seu irmão Lucídio Portella, com o forte apoio de estruturas oligárquicas espalhadas por todo o estado” (VILHENA FILHO, 1999, p. 44). Um novo olhar sob o contexto urbano, porém, marca a perspectiva de uma administração que, mesmo alinhada com os interesses do Governo Federal, via nas ações e nos discursos de cunho populista uma maneira de agradar, ao mesmo tempo, as elites desejosas de modernização e conforto, a classe média ascendente e uma população de baixa renda, que se sentiria contemplada pelas medidas populares. Tal contexto favorece uma maior efervescência de produções culturais, visto que elas se harmonizavam com a cidade em pleno processo de crescimento e modernização:

Em Teresina, formas e expressões culturais segmentadas começavam a passar por um processo de diluição gradual, lento, mas substancial. Iniciava-se ali a apropriação das racionalidades individuais, quando há uma desqualificação do presente e uma indefinição do que passava a indicar uma falsa interação que se constituía muito mais em consumo passivo dos produtos acabados que viriam do que propriamente numa identificação (Ibid., p. 47).

O consumo de produtos vindos de fora pode ser expresso naquilo que se começa a observar nas práticas cidadinas de então. Se, em novembro de 1970, o *Jornal do Piauí* noticiava que a Coca-Cola teria uma fábrica em Teresina (JORNAL DO PIAUÍ, 26 nov. 1970), em abril de 1971, esta ganhava destaque, novamente, no mesmo jornal, com a anúncio de que sua chegada definitiva no cotidiano da cidade faria com que estivesse “em breve [...] tomando conta total do Piauí” (JORNAL DO PIAUÍ, 30 mar. 1971).

Ao observar tal consumo de produtos enlatados, é possível perceber que este, também, se dá no campo das produções artísticas. O cinema ganha destaque no cotidiano da cidade,

através das principais salas de exibição disponíveis. Tendo como seu principal público as parcelas mais jovens da população, mas também agradando pessoas de outras faixas etárias, algumas opiniões expressas denotam a diversidade no gosto cinematográfico dos frequentadores:

Possuímos bons cinemas que vivem superlotados de frequentadores, daí notar o gosto do público pela Sétima Arte. A gurizada, geralmente gosta daqueles filmes em que o artista não morre; mata o bandido e beija a mocinha bem no fim. Pessoas de mais conhecimentos assistem os filmes bem feitos técnica e moralmente, enfim cada qual possui o seu gosto (JORNAL DO PIAUÍ, 15 jan. 1970).

A diferença no modo de recepcionar o conteúdo dos filmes é apontada, no discurso do jornal, como relacionada ao grau de erudição dos espectadores. Segundo ele, aos jovens interessavam enredos de entendimento fácil: mocinhos e vilões bem definidos, a vitória do Bem sobre o Mal, o final feliz e a concretização do romance entre os protagonistas. Já os grupos “de mais conhecimentos” preferiam filmes com estéticas e temáticas mais complexas, valorizando elementos da produção e o conteúdo moral das películas. Ao enfatizar o mérito dos filmes “bem feitos técnica e moralmente”, a publicação aponta sua inclinação para busca de determinados valores éticos, inscrita em uma parcela da sociedade teresinense.

Para os jovens, no entanto, conhecer o conteúdo das fitas exibidos nas três únicas salas que a cidade dispunha, à época, significava ter a liberdade de optar tanto por películas de conteúdo mais elaborado, quanto por aquelas voltadas para a simples diversão, seja ela expressa em filmes de aventura, faroeste ou com conteúdo sexual explícito, impróprios para menores de 18 anos. Essa distinção entre salas fica clara na fala de Francisco Augusto de Oliveira Brito, que chega a Teresina, como estudante, no ano de 1975, e aponta as características e gostos cinematográficos dos jovens em sua época:

Quando nós queríamos ver um cinema de melhor qualidade, um filme melhor, nós iríamos para o Royal. Quando queríamos ver bang-bang, ou aqueles filmes pornográficos, aquelas coisas todas, íamos para o Rex. [...] Na minha época já tinham sido amostrados, já circulavam bastante pelo mundo... mas na minha época houve um retorno de um grupo de filmes. Nós tivemos a oportunidade de conhecer grandes obras, como *E o Vento Levou...*, como foi o caso de *Ben-Hur*, *Os Dez Mandamentos*, *Dio Come Te Amo*, então foram vários os títulos dos filmes, incluindo o cinema-catástrofe [...] (BRITO, 2011).

Enquanto o Cine Royal, localizado à Rua Coelho Rodrigues, no centro da cidade, era o espaço de exibição de longa-metragens “de melhor qualidade”, como *O Corcunda de Notre-*

Dame, protagonizado por Anthony Quin e Gina Lolobrigida, *O valente príncipe Donegal*, com Chantal Renaud e Danielle Quimet, ou *Simplemente Maria*, com Rodolfo Salerno e Mariela Trejos; as salas do Cine Rex e do Cine São Raimundo, localizados, respectivamente, na Praça Pedro II, no Centro, e no bairro Piçarra, exibiam os filmes que já haviam sido exibidos no primeiro estabelecimento. Em geral, no entanto, priorizava clássicos de gêneros como terror, faroeste, o cinema pornográfico e a pornochanchada nacional. Destacam-se, nos anúncios de jornais, filmes em cartaz, como *Só matando*, *Pra quem fica*, *tchau* e *Trovões na fronteira* (O ESTADO, 13 jul. 1972). Tal distinção aponta, também, relação entre a condição social e os interesses do público de cada uma delas. Com ingressos a preços menores, as salas do Rex e do São Raimundo atraíam um público mais diversificado, enquanto o Royal mantinha um padrão de frequentadores com características sociais mais elitizadas.

No campo musical, as experiências na cidade de Teresina apontavam influências diversas. A divulgação de discos amplificava-se com a inauguração de estabelecimento de vendas, como a Beta Discos (JORNAL DO PIAUÍ, 07 set. 1971). A Tropicália, inventada na década anterior, através de produções artísticas em diversos campos,⁴ apontava, no âmbito musical, as figuras de Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Tom Zé como referências nas quais se inspirariam os produtores de uma “música popular piauiense”.

Enquanto, a nível nacional, os debates travados entre emepistas e tropicalistas levariam a uma discussão *a posteriori* sobre a existência ou não de uma “linha evolutiva” na Música Popular Brasileira,⁵ o Piauí vivia o momento em que suas expressões musicais tomavam corpo em figuras da juventude. Nesse contexto, Lenna Rios aparece como cantora de futuro promissor no meio o que viria a se confirmar, futuramente, em sua repercussão, a nível nacional. A cantora figura em publicações piauienses do início dos anos 1970, onde se noticia, em algumas delas, sua direção artística por Torquato Pereira de Araújo Neto (JORNAL DO PIAUÍ, 30 maio 1971). O início de carreira de Lenna, no entanto, deu-se na

⁴ A leitura da Tropicália enquanto uma invenção, partindo de diversas frentes artísticas, como a música de Gil, Caetano e Torquato Neto, as artes plásticas de Hélio Oiticica e Lúcia Clark e o teatro de José Celso Martinez Correia, encontram-se presentes na discussão travada por Edwar de Alencar Castelo Branco. Ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

⁵ A discussão sobre a existência de uma “linha evolutiva” na Música Popular Brasileira parte das afirmações presentes na obra *Verdade tropical* de Caetano Veloso, onde este buscou dispor as diversas produções do campo musical brasileiro em um enquadramento lógico de evolução. Tal conceito é debatido, no campo acadêmico, levando, inclusive, ao trabalho que, a propósito da obra musical de Raul Seixas, pôs em questão tal conceito. Para ampliar o debate, ver: NERY, Emília Saraiva. *Devires da música popular brasileira: as aventuras de Raul Seixas e as tensões culturais no Brasil dos anos 1970*. 2008. 183 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

noite teresinense, expressando seu viés artístico ligados às matrizes em evidência no momento:

TODAS as sextas-feiras, a boate Pujol vai ter a voz de Lenna Rios, num *show* onde “seria capaz de brincar com as pessoas, dizer qualquer negócio”. Com a direção musical de Marcus Vinícius, Lenna terá o acompanhamento de Piau (guitarra e arranjador), Luis Roberto (bateria), Sérgio Magrão (baixo) e Jimmy (tubadora). Piauiense é muito confundida por baiana: “dou o maior dez pra Bahia, mas o negócio é que sou do Piauí”, Lenna passou três meses do último verão no Norte, apresentando um *show* que a espantou muito, porque “lá não são bem aceitas as músicas do meu repertório, Caetano, Gil e tal, lá eles curtem mais Jerry Adriani, Paulo Sérgio, e assim mesmo eu não poderia ter sido melhor aceita.” (O ESTADO, 02 ago. 1972)

As novas maneiras de experienciar o real, trazida por meios como a televisão, o cinema e música popular, agem de maneira a conceber diferentes formas de se pensar os comportamentos sociais na cidade. É possível entrever, como coloca Márcia Castelo Branco Santana, que “costumes consagrados são questionados, enquanto outros ainda são experimentados”, sendo cabível ler os anos 1970 como “um caleidoscópio de vivências, uma configuração histórica onde os padrões sociais conservadores e novos padrões de sociabilidade e formas de viver a juventude são expressas nas práticas cotidianas” (SANTANA, 2008, p. 24).

Se Teresina apresentava, no início dos anos 1970, traços de provincianismo que se contrapunham à sua posição de capital do Estado, criando nela uma situação híbrida, tal relação se acentua quando se observa, especialmente nos grupos mais jovens, uma busca constante pela novidade e a experimentação. De modo geral, no entanto, essa busca encontrava foco de resistência nas opiniões e valores já arraigados pela dita sociedade, que reagia, diversas vezes, de maneira negativa frente às inovações trazidas pela imprensa de diferentes tipos. Tal resistência, expressa em suas manifestações escritas, ganham eco em publicações jornalísticas de conteúdo mais conservador, sendo possível citar como exemplo o excerto:

Segundo observações atentas de educadores e psicólogos de vários países, as revistas em quadrinhos de contos de amor e faroeste são publicações de leitura altamente perniciosas, porque estão prejudicando sensivelmente os estudos da mocidade menos esclarecida, principalmente na época das aulas. São revistas que não têm nenhum fundo de moralidade, somente deturpação e destruição para a mente sadia da juventude do Brasil de amanhã. Aqui fica advertência para todos (JORNAL DO PIAUÍ, 20 mar. 1971).

Utilizando como pretexto de acusação das revistas em quadrinhos o fato de estar “prejudicando sensivelmente os estudos da mocidade menos esclarecida”, e por possuírem conteúdo sem “nenhum fundo de moralidade”, o artigo publicado no *Jornal do Piauí* expressa a opinião de diversos pais de família, frente aos gostos nascentes de seus filhos, no tocante às leituras e, também, aos estilos musicais, fitas de cinema e programas de TV que passavam a consumir. Recheados de elementos articulados com as novidades tecnológicas e culturais efluentes no mundo em questão, sua entrada nos lares piauienses causava revoluções, em escala micrológica, ao formatarem novas sensibilidades juvenis. Dessa maneira, a *micropolítica*, como expressão das subjetividades subterrâneas (GUATTARI & ROLNIK, 1994) de uma juventude ansiosa pelo novo, ganha forma e torna-se objeto de tensão familiar e social em uma cidade onde a relação entre a tradição e a ruptura ganham contornos de tensão.

As nuances de um mundo transformado pelos arautos dos chamados *signos da pós-modernidade* começam a agir, de maneira gradativa, em Teresina, estabelecendo na cidade pontos de descontinuidades e transformações em seu viver cotidiano. As práticas sociais são redesenhadas em “artes de fazer” dos grupos que, pensando e agindo de maneiras diversas aos padrões comportamentais socialmente definidos, transformam seu local e dão a ele características subjetivas remetentes a novas condições de existir. Os jovens passam a ter espaço nos discursos de outras camadas da cidade, na perspectiva da busca por seu lugar social. Assim, projetadas sob o claro sentimento de preocupação, as transformações de valores que se observam nos ideais juvenis, mundo afora, ganham destaque na imprensa local, como pode ser destacado no artigo “Os ideais da juventude”, publicado no *Jornal do Piauí* em 10 de outubro de 1970, com o claro sentido de alerta para as possíveis rupturas de valores, que viriam a se processar, também, em esfera regional:

[...] Ideais no sentido físico, material, o não espiritual, como acontecia tempos atrás. Em geral, a juventude de uns trinta a cinquenta anos escolhia como modelos de personalidades de santos – sim, santos da religião – ou homens de ciência, de armas, que tivessem levado seu nome aos píncaros da glória por exemplos admiráveis. Homens e mulheres, claro. Atualmente, isso não mais acontece.

[...]

Provavelmente, uma pesquisa feita entre jovens “mais velhos” digamos dos dezoito aos vinte e dois anos, daria um resultado diferente. Esse resultado, sem dúvida, também iria referir-se a uma “devoção social” – que é o sinal positivo dos tempos que vivemos –, mas com interesses mais profundos. Depois, não adianta querer acusar os jovens de futilidade, de irresponsabilidade, é preciso não esquecer que eles formam sua personalidade com o material que nós, adultos, pomos ao seu alcance (JORNAL DO PIAUÍ, 10 out. 1970).

Se figuras religiosas e vultos das ciências e das armas perdiam espaços como referências juvenis, o texto aponta, de maneira subliminar, a responsabilidade da família pela reversão de tal tendência, e pela manutenção da ordem e a conservação dos exemplos sociais mais tradicionais. O que se observa, no entanto, é também um questionamento acerca dos rumos da instituição familiar, no contexto das transformações culturais já expostas. Sua função social, vista sob o enfoque do discurso cristão, deveria ser a de “atuar sobre outras famílias e, dêste modo contribuir para a situação adequada da instituição familiar no mundo moderno”, esforços estes empreendidos no sentido de “zelar pela constituição de novas famílias em bases mais sadias e cristãs” (JORNAL DO PIAUÍ, 05 dez. 1970).

Em contrapartida, parcelas de jovens caminhavam no sentido de uma mutação de valores, que proporcionaria sua aproximação com outras formas de viver e sentir o tempo, os espaços, os relacionamentos e a sexualidade. A moda, masculina e feminina, dá espaço pra novas leituras do corpo, agindo como uma enunciação de práticas inovadoras em seu uso. Se a teologia cristã viria a criar, ao longo de séculos, um estereótipo cultural profundamente estabelecido (PORTER, 1992, p. 310), as modificações nas estruturas mentais proporcionadas pelos meios de comunicação agiriam como rupturas em ideais tradicionais de ser, pensar e, inclusive, vestir. No tocante às roupas femininas, na década de 1970, é possível observar, mesmo a nível internacional, a proibição de determinadas peças de roupa em lugares públicos, de natureza religiosa. Na Basílica de São Pedro, em Roma, as mulheres trajando minissaias possuíam o mesmo trato restritivo dado às máquinas fotográficas, conversas ou risos (JORNAL DO PIAUÍ, 29 abr. 1970). Em Recife, a moda das tangas nas praias ganha nota em jornais regionais, que divide seu texto entre opiniões que ressaltam que “o biquíni ‘já era’” com outras que afirmam serem as tangas “um fator de promiscuidade”, chegando, enfim, a citar a opinião de um pastor evangélico, que declara que “a tanga só é bonita na mulher dos outros” (O ESTADO, 17 set. 1972).

Tais fatores de transformação nos modos de se vestir denotam mudanças relacionadas à sexualidade feminina. No cenário posterior à década de 1960, peças de roupas, como minissaias, “promoveriam uma erotização dos corpos que teriam reflexos em diferentes âmbitos do social” (CASTELO BRANCO, 2006, p. 02). O grau de erotismo feminino do mundo pós-60 ganhava destaque em figuras-referência do campo cultural de então, e que serviram de modelo de valores pros jovens, em processo ebulitivo de subjetivação de sua sexualidade. Enquanto figuras de cinema, como a atriz italiana Monica Vitti, lançava à imprensa frases como “preciso de um homem e não de um marido” (O ESTADO, 07 jan.

1973), a cantora norte-americana Joan Baez se declarava bissexual, e afirmava ter vivido com uma mulher “o mais lindo romance [...]” da vida (O ESTADO, 16 mar. 1973). Por sua vez, a também norte-americana Raquel Welch, destaque das telas hollywoodianas, demonstrava conviver bem com a idéia de ser uma mulher divorciada, e sexualmente livre: “Eu agora não quero mais ninguém para sempre. Tenho a hora que quero, uso e depois mando embora” (O ESTADO, 21 jan. 1973).

Em nível local, Teresina convivia, simultaneamente, com os valores tradicionais arraigados e a ruptura nas concepções de sexualidade pertinentes ao mundo que se transformava. Nesse sentido, pode-se notar a importância da virgindade feminina como elemento delimitador de seu caráter:

A despeito de possuírem liberdade para freqüentar festas nos clubes e boates, ir a esses locais com o namorado e amigas, sair de carros e participar de atividades que exigiam um contato mais próximo com os rapazes, as jovens ressaltam que algo primordial nessas experiências cotidianas seria o fato de sempre saberem que seu limite estava justamente no guardar a virgindade, que se tornava, para as moças, a garantia de que teriam o respeito perante o seu namorado e a família (SANTANA, 2008. p. 47).

No âmbito masculino, também, a década de 1970 aponta, em Teresina, transformações no campo comportamental. As formas de se vestir e se portar criam um ideal de homem desejado pela sociedade teresinense, cujo aspecto físico deveria, em geral, denotar austeridade, e o comportamento, embora discreto, devesse sempre apontar, subliminarmente, a figura silenciosa do “macho”, cujos aspectos sexuais de dominação, se não evidentes, deveriam estar presentes nas entrelinhas de suas ações:

Um homem na sua plenitude de homem não se preocupa com um vestido, sapato ou peruca. Também deixaria por último a análise de um rosto. O homem é mais carnal e sensualista. Num recanto do pensamento masculino, por demais escondida, há sempre uma idéia que não foi exposta: um resquício de vaidade e aventura; um desejo oculto, inconfessável, que se acende quando passa uma mulher escultural e, logo depois, apaga-se quando a ninfa acabou de passar.

E isto acontece com o jovem, o amadurecido e o velho – embora o olhar deste se assemelhe ao do artista, na análise de uma obra de arte. Temos – e isso é uma tendência normal – o cuidado de não transparecer tais pensamentos, quando as circunstâncias nos forçam a isso. A mulher que passa – quando é bonita – é sempre um desejo. [...] (JORNAL DO PIAUÍ, 22 maio 1970).

Ao deixar entrever os traços de masculinidade, o texto denota elementos constitutivos do homem que se deseja para a sociedade teresinense da década de 1970: sua preocupação estética reprimida, sua austeridade prefigurada em uma imagem de sisso, seu desejo carnal pelas mulheres sempre latente, mesmo que controlado. Seria o homem, como desejado pelo imaginário nordestino, de uma forma geral, encarnado em sua versão urbana. Se, ao pensar-se em Teresina no início da década de 1970, como cidade que vislumbra o novo, o moderno, sob o signo de novas subjetividades nascentes, ao mesmo tempo em que mantém elementos provincianos, pode-se tomar o discurso de jornal exposto acima como uma evocação subliminar de manutenção da figura do macho nordestino, numa sociedade que, embora transformada e urbanizada, ainda “depreciaria esse homem que vinha surgindo nas cidades, homem afeminado, sem coragem, covarde, cabra frouxo, que faz trabalho nas calças”. Dessa maneira, aponta, nas entrelinhas de sua fala, o desejo de manutenção dos valores sociais e sexuais, presentes em uma sociedade onde “os meninos devem ser ensinados desde cedo a ter domínio das relações que irá estabelecer com as mulheres” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 03 jan. 2011).

As características indesejadas pela sociedade mais conservadora começam a se figurar presentes em novas subjetivações de comportamento juvenil efluentes em Teresina nos anos 1970. Como exemplo do que viria a ser enxergado com desconfiança por algumas parcelas sociais da cidade, os *hippies*⁶ passam a desenvolver com Teresina uma relação peculiar, uma vez que configuram-se como elementos distintos daqueles pregados pelos valores de instituições como a Igreja e a família, como pode ser observado em texto publicado no *Jornal do Piauí*, intitulado “Hippie! O que é isso?”:

Infelizmente, o autor da coluna não sabe dizer o significado da palavra! Eles querem pregar filosofia! Mas acontece que tôda e qualquer filosofia sem uma base de apoio, torna-se muito difícil de expansão e pouco merece as atenções de quem está à cata de sabedoria. O hippismo, essa “filosofia” que aí estamos a suportar, constituída de gente maluca, preguiçosa e viciada, não pode deixar nada a desejar na nossa juventude senão o desejo de viver errante, seduzindo jovens indefesas que se contagiam sob o efeito de drogas, bem como rapazolas sem formação que às vezes são jogados nas valas dos toxicômanos ou dos homossexuais.

[...]

Se andar sujo, despenteado, ocioso e apresentando trajes idiotas fôr por fôrça de uma filosofia que dizem pregar amor, está o nosso mundo condenado ao caos. É muito certa a afirmativa: “quem não trabalha dá trabalho aos outros”.

⁶ O termo *hippie* é utilizado aqui seguindo a prática do discurso da imprensa teresinense à época, que assim homogeneizava jovens praticantes de ações pouco ortodoxas na cidade, independente da pretensa vinculação ideológica de tais jovens – que passaram pela cidade, em grande parte, em levadas distintas e não organizadas.

E essa gente que nada faz, que nada diz, que deixará de real na vida prática?
(JORNAL DO PIAUÍ, 29 maio 1971).

Tais discursos, inclusive ao pôr em questão o valor nominativo dado aos vários grupos marginalizados da cidade, dão a ler a reação de uma parcela da sociedade a práticas de comportamento divergentes da ordem instituída. Os *hippies*, associados, em geral, a posturas condenáveis, apareciam em notícias jornalísticas da época, em sua maioria, protagonizando ações ligadas à promiscuidade sexual, a pequenos crimes e contravenções. Um exemplo disso é, em outubro de 1972, a notícia veiculada pelo jornal *O Estado* de que um grupo, formado por argentinos e brasileiros, se encontravam em Teresina, acompanhado de quatro moças, pertencentes, segundo a publicação, “à alta sociedade teresinense”. As moças, “levadas pelo desejo de aventuras”, se preparavam para empreender, com o grupo, uma “viagem ‘de curtidão’ pelo Brasil afora”, quando sua presença ao lado dos *hippies* foi levada ao conhecimento policial, que deteve os rapazes (O ESTADO, 27 out. 1972).

O fato denota o grau de fascínio exercido pelos praticantes de modelos alternativos de vida em alguns jovens de Teresina. Mesmo para os pertencentes a grupos de formação mais conservadora, as vivências múltiplas experimentadas por algumas pessoas, ao se tornarem próximas de seu contexto espaço-temporal, exercem modificações em sua constituição identitária, desreferencializando sua concepção de sujeito, e formatando-lhes “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 1999, p. 13). A contrapelo da perspectiva enunciada nos discursos pregados por esta parcela da sociedade teresinense, é possível captar uma leitura distinta da cidade, efetuada pela *hippie* Theresa, quando, em agosto de 1972, ela e seu grupo haviam sido expulsos da cidade:

Teresina é uma cidade quadrada, careta. Não propriamente a cidade. Refiro-me às autoridades repressoras. Não é que fomos ameaçadas de prisão e expulsas [expulsas] da capital do Piauí? Essa não! Percorremos os grandes centros urbanos do Brasil e nunca nos aconteceu quaisquer conflitos junto à polícia. Fomos expulsas da cidade. A autoridade coatora nos deu o prazo de 24 horas para a gente sumir de Teresina. Motivo? Maconha? Droga? Não sei o porque. Teresina, uma cidade careta.

[...]

Somos um grupo, eu, Baiana e Baby (paranaense) que estamos curtindo o Brasil, *sem lenço e sem documentos*. Easy Ride. Sem destino. De Porto Alegre a Fortaleza, a pior cidade pra gente foi Teresina, onde estamos sendo expulsas. Tem nada não. Sou da paz, nunca da guerra. Tou na minha! [Grifo nosso] (O ESTADO, 10 ago. 1972).

Theresa, paulista de 18 anos, ao denotar sua insatisfação com uma cidade na qual seu modo de viver foi visto com hostilidade, leva a refletir sobre as posições micrológicas da política e dos comportamentos sociais no Brasil pós-1960. O interesse de grupos, como os hippies, manifestados textualmente nas matérias jornalísticas de perspectivas diversas, aponta para a ideia de que as lutas engendradas no Brasil, durante o período da Ditadura Civil-Militar, ultrapassam as barreiras da política instituída, ou dos partidos clandestinos, formatando-se, também, e principalmente, nas vivências cotidianas, onde as posições de tradição e transgressão ganhavam corpo. Assim, como afirma Castelo Branco, “a Ditadura Militar não é uma entidade acima da sociedade brasileira e repressora do conjunto da nação. Ela na verdade é desejada e está entranhada de tal maneira nas pessoas que elas reproduzem com naturalidade a repressão em escala micro” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 94).

Uma vez que, tendo em vista o deslumbramento causado pelas maravilhas tecnológicas, no Brasil da década de 1960, é possível atribuir a elas as *condições para a emergência da pós-modernidade brasileira* (Cf. CASTELO BRANCO, 2005), é possível, também, levando em conta que tais elementos, que possibilitam novas condições de existência na sociedade aportam com atraso, porém de maneira efetiva, no Piauí, na década de 1970, creditar a essa década as *condições emergenciais para a pós-modernidade piauiense*. Pensar as instituições sociais para além do viés político-partidário, diluindo tal perspectiva a contagotas, leva à compreensão do período sob a ótica de comportamentos e artimanhas juvenis, que surgem na perspectiva micropolítica. Cartografar os sentimentos e desejos em mutação, numa cidade dividida entre o provincianismo urbano e a onda modernizadora dos primeiros anos da referida década significa, para além de repensar um período específico, revisar mesmo a maneira de se escrever a História.

Referências

Fontes hemerográficas

- ANO de 1970. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 01, 21 mar. 1970a.
AOS pais de família. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 03, 20 mar. 1971.
ATUALIDADES cinematográficas. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 06, 15 jan. 1970.
BASÍLICA proíbe mini-saia. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 03, 29 abr. 1970.
BRITO, Buggy. O Piauí ataca na música, no Rio. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 04, 30 maio 1971.
CASAMENTO? Prefiro usar e mandar embora! **O Estado**, Teresina, p. 06, 21 jan. 1973.
COCA-COLA: seu próximo lançamento. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 05, 30 mar. 1971.
COCA-COLA terá fábrica em Teresina. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 01, 26 nov. 1970.

- CRAVEIRO, Paulo Fernando. A chegada. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 04, 13 jan. 1970.
- D. ANDRADE. A respeito da família. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 05, 05 dez. 1970.
- ENTREVISTA – Os anos 70: a transformação. **Veja**, São Paulo, 7 jan 1970. p. 03-06.
- HIPPIE diz que teresinense é quadrado. **O Estado**, Teresina, p. 07, 10 ago. 1972.
- HIPPIE! O que é isso? **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 08, 29 maio 1971.
- HIPPIES iam levar moças de Teresina. **O Estado**, Teresina, p. 08, 27 out. 1972.
- JÁ funcionando a Beta Discos. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 08, 07 set. 1971.
- JOAN Baez se diz bissexual. **O Estado**, Teresina, p. 06, 16 mar. 1973.
- JODISA apresenta. **O Estado**, Teresina, p. 01, 13 jul. 1972.
- LENNA Rios, a nova voz da noite no Pujol. **O Estado**, Teresina, p. 13, 02 ago. 1972.
- LOBÃO, Paulo. Opinião de Moda. **Jornal do Piauí**, Teresina, 22 maio 1970. Coluna Reflexos da Vida, p. 05.
- PIAUI inteiro vai ver televisão. **Jornal do Piauí**, Teresina, p.01, 21 mar. 1970b.
- O DIA mais triste da juventude: a morte trágica de um estudante. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 834, 13 abr. 1968. p. 04-13.
- O MUNDO em Manchete. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 778, 18 mar. 1967. p. 149.
- OS ideais da juventude. **Jornal do Piauí**, Teresina, p. 06, 10 out. 1970.
- PRECISO de um homem e não de um marido! **O Estado**, Teresina, p. 09, 07 jan. 1973.
- TANGA causa controvérsia. **O Estado**, Teresina, p. 04, 17 set. 1972.

Fonte oral

- BRITO, Francisco Augusto de Oliveira. **Entrevista concedida a Fábio Leonardo Castelo Branco Brito**. Teresina: 05 jun. 2011.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/froxo_nao_se_mete.pdf Acesso em: 03 jan. 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Ele é o homem, eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre as vanguardas tropicalistas. In: **VII Seminário Fazendo Gênero**. Anais. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 01-07.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. São Paulo: Difel, 2002.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Porto Alegre: DP&A, 1999. p. 13.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 291-326.
- SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos 70 do século XX**. 2008. 152 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

VILHENA FILHO, Paulo Henrique Gonçalves de. **A experiência alternativa d'O Estado Interessante no contexto marginal da década de 70.** 1999. 125 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Recebido em: *07 de abril de 2013*
Aprovado em: *23 de agosto de 2013*